



# Dois capuccinos e a conta...

por Mauro Ventura



**É** comum você votar num candidato e se decepcionar depois. Difícil é eleger um político e ele não só cumprir suas expectativas como ir muito além. O deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL) faz parte desse seleto grupo. Mas a ousadia tem preço. Ele está ameaçado de morte pela milícia do Rio, que guarda semelhança com a máfia italiana, e teve que mudar de hábitos. Anda em carro blindado, abriu mão da praia e vive cercado de seguranças. No encontro na cafeteria na terça-feira, ele e seu assessor, o delegado Vinicius George, que também está com a cabeça a prêmio, eram vigiados por seis homens — espalhados por mesas vizinhas ou do lado de fora. Freixo é mesmo um político atípico. À noite, a porta de seu gabinete estava aberta, e a sala fervilhava de gente, contrastando com os corredores desertos da Alerj. Freixo estava tenso, e com razão. O ex-PM Batman, principal matador da milícia Liga da Justiça, havia fugido de Bangu 8. Aos 41 anos, presidente da CPI das Milícias, vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos, combatente de primeira hora do ex-deputado Álvaro Lins, incansável crítico dos colegas faltosos, ajudou a desbaratar a fraude do auxílio-educação, que custou aos cofres públicos R\$ 3,5 milhões.

## ...com Marcelo Freixo

**REVISTA O GLOBO:** O que é pior, milícia ou tráfico?

**MARCELO FREIXO:** A milícia representa uma ameaça maior ao Estado democrático e de direito, até pelo seu grau de organização e sua penetração dentro do poder público. O tráfico não se reúne para discutir projeto de lei, nem ver quem vai dirigir hospital ou escola. No máximo, se junta para pagar propina à polícia. O tráfico se fortalece na ausência do Estado, a milícia não. Ela não é o vácuo do Estado. É o Estado leiloadado, atendendo a interesses particulares. E os chefes são agentes públicos. Em 65% das áreas de milícia, não existia antes tráfico. Cai a história de que ela entra para substituir o tráfico. Milícia é negócio, controla van, gás, água, *gatonet*, grilagem e segurança, que chamo de “taxa do eu o protejo de mim mesmo”. Você paga porque tem medo.

**Como surgiu a CPI das Milícias?**

Em fevereiro de 2007, apresentei o pedido da CPI. Eu era o único deputado do PSOL, no terceiro dia de mandato. Fui motivo de deboche: “Chegando agora, num partido grande como esse, vai aprovar a CPI, hein?” E a sociedade também achava que não era assunto importante. As vítimas eram moradores de favela, pessoas que não têm identidade cidadã no Rio. Quando houve o episódio da tortura aos jornalistas de “O Dia”, o prefeito parou de chamar, de forma irresponsável, a milícia de “autodefesa comunitária”, e o poder público deixou de achá-la um mal menor. Aí a CPI foi aprovada. Ela termina dia 15 de novembro. Uma das recomendações será de que a Câmara Municipal tenha um conselho de ética. Vamos sugerir até quem já pode ser investigado.

**Como é viver ameaçado de morte?**

É um cerceamento enorme. Queria ir à praia com meus filhos (*um de 18 anos e uma de 10*), beber cerveja no bar com amigos, ir à arquibancada do Maracanã, e não posso mais. Qualquer lugar aberto e público se torna perigoso. Minha filha reclama,

chama os seguranças de abelhas, porque não saem de cima. Mas não estou fazendo papel de herói, só estou exercendo minha função pública. Se é para não enfrentar, é melhor não ter mandato. Claro que o risco é concreto, os milicianos (*em geral policiais, bombeiros, agentes penitenciários, militares*) são capazes das maiores atrocidades. A sociedade tem que se indignar, não pode achar normal um deputado ser eleito para representar o crime.

**Como a morte de seu irmão influenciou sua luta?**

Ele foi assassinado em 2006, no meio da minha campanha. Foi um baque muito forte. A gente sabe quem foi, mas a polícia não consegue produzir provas. Foram policiais que faziam segurança particular no condomínio onde ele era síndico. Meu irmão moralizou o serviço. Era uma pessoa do bem, que me chamava de maluco por enfrentar essas coisas. A dor que senti muitos irmãos, pais e mães do Rio também sentem. Mas só reforçou a necessidade de enfrentamento do problema.

**Você foi o primeiro a lutar pela cassação de Álvaro Lins...**

Em agosto de 2007, entrei sozinho com o pedido de cassação. Mas ele era ex-chefe de Polícia Civil, pertencia ao PMDB, partido do governador, tinha sido eleito com mais de cem mil votos, e o pedido foi engavetado. Mais tarde, quando explodiu o caso Álvaro Lins, já havia toda a nossa iniciativa.

**Que balanço você faz da Assembleia Legislativa este ano?**

Com todo o desgaste, não foi um ano de derrota. Tivemos três deputados cassados, um preso, encerramos um processo de fraude, fizemos a CPI para investigar o crime organizado mais poderoso que se estabeleceu no Rio nos últimos anos. Gostaria que a Alerj estivesse debatendo alternativas para o Rio, mas os deputados estão no mínimo mais atentos e preocupados, sabem que as coisas não vão acontecer de forma tão frouxa. Foi um ano pedagógico.

Leia mais no blog do colunista: <http://oglobo.globo.com/riancelmo/dizventura/>